

Teatro
17, 18, 19 de maio 2013

4

PANOS

PALCOS NOVOS PALAVRAS NOVAS

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Às Escuras
de Davey Anderson

Os Suicidas
de Lola Arias

Ester
de Rui Catalão

Sexta 17, sábado 18, domingo 19 de maio
Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório

Sexta 17 de maio

18h30 · Pequeno Auditório

Às Escuras

Grupo de Teatro da ES Rainha
Dona Leonor (Lisboa)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Ester

Sexta Insónia do Agrupamento
de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão
(Portimão)

Sábado 18 de maio

16h · Sala 2

Pano para mangas

Conversa com os autores e os grupos

18h30 · Pequeno Auditório

Os Suicidas

St. Julian's School (Carcavelos)

21h30 · Palco do Grande Auditório

Às Escuras

Classes de Teatro d'O Teatrão
(Coimbra)

Domingo 19 de maio

16h · Pequeno Auditório

Ester

Atelier de Expressão Dramática
do Colégio Internato dos Carvalhos

18h30 · Palco do Grande Auditório

Os Suicidas

Escola Artística António Arroio (Lisboa)

Apresentação

Este é o oitavo festival dos PANOS – palcos novos palavras novas, um projeto da Culturgest que alia a nova escrita para teatro ao teatro que se faz nas escolas e nos grupos juvenis. É celebração de um ano de trabalho, feito de descobertas e dificuldades; fim de ciclo, momento mais visível de partilha e crítica.

Costuma ser assim: todos anos encomendam-se duas peças e traduz-se uma do projeto Connections do National Theatre de Londres, que descaradamente copiámos e sempre nos tem apoiado; os autores sabem que as peças vão ser representadas por adolescentes e têm de prever um tempo de espetáculo não superior a uma hora; o resto é imaginação e responsabilidade de quem escreve, encena e interpreta.

Desta vez, traduz-se um texto de Davey Anderson que integrou o Connections de 2008; Lola Arias e Rui Catalão escreveram peças novas de propósito para os PANOS. Em novembro passado, os três autores orientaram na Culturgest um *workshop* de exploração dos textos destinado aos encenadores dos grupos participantes: vindos de todo o país, gente com perguntas e certezas, muita ou nenhuma experiência de pegar assim numa peça. Cada grupo fez depois o espetáculo de que foi capaz: desta vez foram 32 as estreias. Houve palcos com escadas e tapetes, grades e cadeiras, plantas e ecrãs; textos mais ou menos bem decorados, gestos e olhares decididos ou hesitantes, soluções mais ou menos conseguidas. As apresentações decorreram até ao fim de abril, e

dessas foram escolhidas seis (duas por cada texto) para que fossem repetidas neste festival de encerramento. Do grupo de seleção dos espetáculos fizeram este ano parte Ana Bigotte Vieira, Catarina Requeijo, Francisco Frazão, João Carrolo, Jorge Loureiro Figueira, Manuel Henriques, Ricardo Correia e Sandra Machado. Coincidindo com o festival, publica-se um livro que reúne as três peças: memória e hipótese de futuro.

Se alguma coisa têm em comum os textos desta edição é o facto de se organizarem em torno de um ato ou gesto decisivo: de uma escolha. A protagonista de *Ester* de Rui Catalão (que se inspirou no texto bíblico do mesmo nome) tem de decidir se intervém ou não para evitar o massacre do seu povo; em *Os Suicidas* de Lola Arias, as cinco personagens recolhem a informação que circulou depois da sua morte, e que procura *a posteriori* motivos e culpados; e *As Escuras* de Davey Anderson é um *flashback* que começa na prisão e desvenda o percurso até ao momento de violência que a amnésia temporária do protagonista escondia (o título original, *Blackout*, é tanto um apagão ou o escuro que se faz no teatro como uma perda de consciência).

Todos estes gestos têm segredos. Em *Os Suicidas*, muitos julgam saber o que provocou a morte dos adolescentes de Rosario de la Frontera; mas tal como no filme *Elephant* de Gus Van Sant, sobre o massacre do liceu de Columbine, a peça vai acumulando hipóteses sem conseguir escolher nenhuma, abrindo no seu centro um vazio indecifrável. Já

em *As Escuras*, inspirado num caso real, julgamos perceber o que levou o jovem James a dar por si na prisão, mas nunca saberemos a identidade da sua vítima (a menos que o espetáculo decida em vez do texto), e embora esta seja uma história de redenção, é pouco claro que possa servir de exemplo – é mais para discutir do que para instruir. Quanto a *Ester*, assistimos às suas hesitações, ao seu debate com Mardoqueu, mas, esgotados os argumentos, resta, depois do imperativo moral, o mistério da coragem.

Estes atos são sempre uma espécie de morte (real ou figurada), seguida de um renascimento: James parece querer mudar de vida depois de ter descido ao lugar mais escuro, Ester encontra, como David frente a Golias, a força do fraco diante do rei. Já Lola Arias cria, num tempo depois da morte, identidades estranhas, retratos feitos de origens diversas e por vezes divergentes: os adolescentes falam sobre si, mas tendo como base unicamente o que saiu nos jornais (trata-se de outra história verdadeira), como se depois do suicídio só a isso tivessem acesso.

Mas nem só dos protagonistas se fazem estas peças. *Os Suicidas* desenha também toda uma aldeia, marcada pela religião e pelo desemprego, e sinalizada por uma parafernália que se vai acumulando em palco, num jogo paralelo que desmonta o negrume do tema. Inventar-se uma distância, uma leve ironia. *Ester* sugere a sua própria sabotagem com a construção de um coro que cospe e engole as personagens, fonte múltipla de indisciplina e comen-

tário. E *As Escuras*, texto de frases soltas sem indicação de quem fala, esboça a comunidade em volta de James, vozes que participam e apresentam a narrativa – como uma história (terrível) antes de dormir, contada a James e a nós.

Os textos desta oitava edição dos PANOS propõem teatros bem diferentes. Podem ser feitos com muita ou pouca gente, usar todos os recursos à disposição ou quase nada. Mas obrigam quem vê a agir. Não depois, lá fora, na rua; mas, aqui mesmo, a tomar posição. Começando pelo gesto mais simples, que é também o imperativo (não moral, mas verbal) com que abre *As Escuras*: imagina.

Francisco Frazão



Às Escuras de Davey Anderson

Tradução de Mariana Vieira

Pegas no prato.
Obrigado, mãe.
Espera um minuto.
O que é?
O que é que te aconteceu ao cabelo?
Encolhes os ombros.
Vi-me livre dele.
Ela olha para ti de uma maneira
esquisita.
Pareces um skin.

Às Escuras baseia-se na história verdadeira de um rapaz de 15 anos de Glasgow acusado de tentativa de homicídio – ele tenta reconstruir os acontecimentos da sua vida que o trouxeram a uma cela na prisão e ameaçam lá deixá-lo. É uma peça curta que produz um forte impacto emocional com a sua economia estilística e narrativa afiada, um concerto de vozes que

pode materializar-se de mil maneiras diferentes. O texto integrou o projeto Connections em 2008.

Davey Anderson estudou teatro e cinema na Universidade de Glasgow e tem trabalhado como dramaturgo, encenador, músico, compositor, dramaturgista, orientador de *workshops* e por vezes intérprete para várias companhias na Escócia e fora dela. Em 2005 escreveu e encenou *Snuff* (vencedor do prémio Arches de Encenação, com apresentações em Glasgow, Edimburgo, Londres e Belfast). Escreveu ainda: *Wired* (2005), *Rupture* (2007), *Liar* (2007), *Clutter Keeps Company* (2010), *Playback* (2010), *Scavengers* (2011) e *The Static* (2012). De 2006 a 2007 tornou-se o primeiro encenador residente do National Theatre of Scotland, criando música para o espetáculo multipremiado *Black Watch* e colaborando com a companhia nova-iorquina the TEAM em *Architecting* (Culturgest, 2009). Foi dramaturgo associado do Playwrights' Studio Scotland em 2010-11.

Grupo de Teatro da ES Rainha Dona Leonor

Com Ana Castro, Bárbara Cunha, Beatriz Costa, Benjamin Fischer, Catarina Pinto, Daniela Melo, Denise Caldas, Fátima Monteiro, Gonçalo Henriques, Leonor Carvalho, Margarida Pimentel, Margarida Trigo, Maria Marcelino, Mariana Fernandes, Mariana Rodrigues, Matilde Silva, Rui Sousa
Encenação e figurinos Conceição Pedro, Lucília Cid, Ana Oliveira
Cenário Mariana Almeida, Micaela Cordeiro,

Paula Lima
Caracterização Micaela Cordeiro, Sofia Leal
Desenho de luz Conceição Pedro, Paula Lima, Rui Pires

Classes de Teatro d'O Teatrão

Com Ana Rita Perdiz, Bernardo Almeida, Carina Santos, Catarina Gomes, Guilherme Lima, Joana Carreira, Luísa Ramalho, Mariana Riquito, Nuno Gomes, Patrícia Silva, Rafael Torres, Raquel Branco, Rita Eufrázio, Sofia Albuquerque e Sofia Dias
Coordenação do projeto Pedro Lamas
Assistência de direção e produção Margarida Sousa
Luz Jonathan Azevedo
Cenografia, figurinos e adereços O Teatrão
Direção de produção Cátia Oliveira
Produção executiva Nuno Carvalho e Inês Mourão
Divulgação e imprensa Margarida Sousa
Equipa técnica Alexandre Mestre, João Castro Gomes, Jonathan Azevedo, Rui Capitão



ES Rainha Dona Leonor



Os Suicidas de Lola Arias

Tradução de Francisco Frazão

Lucía O nome Rosario de la Frontera foi-se repetindo como uma epidemia na rádio, nos jornais, em todo o lado. Rosario de la Frontera, dois pontos, uma aldeia de suicidas. Rosario de la Frontera, dois pontos, uma aldeia triste. Rosario de la Frontera, dois pontos, uma aldeia fantasma.

Os Suicidas parte do caso real de uns adolescentes que se suicidaram no Norte da Argentina. As personagens são esses cinco jovens, que se limitam a relatar e organizar o que saiu na imprensa sobre o caso, como se de um documentário se tratasse. Mas como estamos no teatro, ao mesmo tempo que aprendemos mais sobre a história, vemos um palco em transformação, habitado por adolescentes reais cujas

ações ilustram, comentam e por vezes subvertem o que está a ser contado.

Lola Arias é escritora, encenadora, *performer* e cantora. Em *Striptease* (2007) um bebé de um ano é o protagonista da peça; em *El Amor es un Francotirador* (2008) os atores contam histórias de amor enquanto toca ao vivo uma banda rock; em *Mi Vida Después* (2009) seis jovens reconstróem a juventude dos seus pais nos anos 70 a partir de fotos, cartas, cassetes, roupa usada, etc.; criou no Chile *El Año en que Nací* (Festival Próximo Futuro 2012). Na Alemanha encenou *Familienbande* (2009) e *That Enemy Within* (2010). Em 2012 estreou *Melancolía y Manifestaciones* (Culturgest, 2013). Em colaboração com o artista Stefan Kaegi dirigiu *Chácara Paraíso* (Culturgest / festival alcantara, 2008) e *Airport Kids*. Em 2010 comissariaram *Ciudades Paralelas*, um festival com oito intervenções no espaço público que se realizou em várias cidades. Gravou dois discos com Ulises Conti. Publicou poesia e teatro e tem textos traduzidos em inglês, francês e alemão.

St. Julian's School
(Espetáculo em inglês, sem legendas)
Com Maddy Howard, Danny Santos, Mariana Santos, Constanza Pereyra, Beatriz Couceiro, Isabel Abbud, Sebastião Lopes **Encenação e tradução** Paula Mór **Técnico** Nuno Monteiro

Escola Artística António Arroio
Com Beatriz Brunelli, Inês Fernandes, João Moreira, Miguel Pereira, Tânia

Duarte **Direção artística** Pedro Antunes
Direção de produção e cenografia Hélder Castro **Música** José Duarte
Contrarregra Mariana Romão
Produção Ana Antunes, Bárbara Jorge, Diogo Gonçalves, Inês Costa, Joana Gouveia, Marta Marques, Patrícia Pardal, Rafaela Rodrigues, Rodrigo Fonseca **Realização plástica** Inês Silva, Mariana Tilly, Sara Cereijo, Ricardo Santos **Fotografia** Bárbara Samuel, Inês Silva, Teresa Barreiro **Vídeo e técnico** Delfim Ramos **Design gráfico** Mariana Romão, Sara Apolo



St. Julian's School



Ester de Rui Catalão

Vásti Eu era orgulhosa.
Xerxes Pois eras.
Vásti Julguei-me protegida por ser tua esposa.
Xerxes Pois julgavas.
Vásti De um dia para o outro perdi o orgulho, a confiança, a juventude. Não sou tua. Não sou de ninguém. Não valho nada.
Xerxes Pois não.
Vásti Não sei o que fazer.
Xerxes Pois.

Em *Ester*, uma jovem é escolhida para entrar no harém do rei Xerxes; pouco tempo depois o seu povo é condenado ao extermínio. O dilema de Ester é: fazer segredo das suas origens para salvar a vida ou arriscar a morte para defender o seu povo? O medo e a morte são os temas principais desta peça

baseada no Livro de Ester do Antigo Testamento. Apesar de uma atmosfera de segredos, mentiras e ameaças, é uma paródia carnavalesca. Os fortes mascaram-se de fracos; e os fracos usam o poder para esconderem as suas debilidades. O tema mais subtil da peça é o da inteligência.

Rui Catalão é autor e intérprete dos solos *Dentro das Palavras* (2010), *Auto-Retrato assistido de Constantin Brâncuși* (2011) e *Av. dos Bons Amigos* (2013) e das peças de grupo *Elogio da Classe Política Portuguesa* (2004); *Untitled, Still Life* (2009, com João Galante-Ana Borralho); *Domados, ou Não* (2011, com alunos da escola Balleateatro). Na Roménia, apresentou *Atit de Frageda* (2006), *Coada Soricelului* (2007) e *Follow That Summer* (2008), fazendo ainda as séries de improvisação *Acum Totsi Împreuna* e *Rui* (2008-2009). Trabalhou em peças de João Fiadeiro, Miguel Pereira, Manuel Melmus, Brynjar Bandlien, Madalina Dan, Mihaela Dancs. Colabora com o suplemento *Ípsilon do Público* (onde foi jornalista nos anos 90). No cinema, escreveu os argumentos *O Capacete Dourado* e *Morrer como um Homem*; e foi ator em *A Cara que Mereces*.

Sexta Insónia do Agrupamento de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão (Portimão)

Com Cristiana Laranjinho, João Leote, Márcia Silvério, Joana Magalhães, Miguel Jerónimo, Tânia Fernandes, Catarina Pacheco, Jéssica Bampi,

Alina Levinschi, Anamaria Pop, Petro Ferdeszli, Sofia Heath **Versão cénica** Sandro William Junqueira **Figurinos** Luís Pacheco **Corporalidade** Rui Cabrita **Luz** Tasso Adamopoulos (Teatro Municipal de Portimão) **Poster** Afonso Cruz

Atelier de Expressão Dramática do Colégio Internato dos Carvalhos

Com Ana Moura, Ana Trigo, Ana Correia, Bruna Martins, Bruno Miranda, Carlos Silva, César Morais, Diogo Silva, Diogo Duarte, Filipa Campos, João Santos, Joana Vilaça, Paulo Silva, Pedro Gomes, Renata Monteiro, Rita Castro, Ruben Oliveira, Sérgio Oliveira, Tiago Costa **Encenação, cenografia, figurinos e desenho de luz** Maria Rui Marques, Pedro Gil Martins **Confeção de guarda-roupa e adereços** Aurea Lei



Sexta Insónia

Próximo espetáculo

Sou o Vento

de Jon Fosse

Um espetáculo de Diogo Dória e Manuel Wiborg

Teatro de qui 30 maio a dom 2 junho

Palco do Grande Auditório · 21h30

(dom às 17h) · Dur. aprox. 55 min · M12



© Folha

Autor Jon Fosse **Tradutor** Pedro Porto Fernandes **Encenação e interpretação** Diogo Dória, Manuel Wiborg **Cenografia e figurinos** João Queiroz, Elsa Bruxelas **Luz** Jorge Ribeiro **Produção** Manuel Wiborg **Coprodução** Culturgest, Manuel Wiborg **Apoio** Embaixada da Noruega

Duas pessoas num barco, em alto mar: Um e o Outro. Fazem um piquenique, com o oceano como cenário, e partilham sentimentos. Um fala de tristeza e do medo de cometer suicídio. E depois mata-se. Ou será que já estava morto? O Outro tenta sobreviver à deriva nas ondas tempestuosas, mas as conversas entre os dois parecem ser entre fantasmas. Ou são mesmo? Talvez sejam apenas formas de existência, sem passado nem futuro, numa irrealdade qualquer...

Na teia da obra de Jon Fosse este texto (publicado nos Livrinhos do Teatro e já apresentado em Portugal numa encenação de Patrice Chéreau)

transpõe uma nova fronteira. Onde estamos? A alegoria do mar, a beleza e o pavor do mar. Eros e Thanatos. A magia polémica do mais minimal texto de Jon Fosse. As suas obras foram traduzidas para mais de quarenta idiomas. É amplamente considerado um dos maiores dramaturgos contemporâneos.

Este espetáculo junta em palco pela primeira vez dois grandes atores de teatro e cinema que têm também um percurso singular enquanto encenadores. Diogo Dória tem trabalhado autores como Beckett, Sarraute ou Pinget; Manuel Wiborg criou espetáculos a partir de textos de Bret Easton Ellis, Ruy Duarte de Carvalho e Anthony Burgess, entre outros.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
